

PERSPECTIVAS PARA A PASTORAL URBANA

Prof. Dr. Mons. Tarcísio Justino Loro

RESUMO

Este artigo apresenta algumas pistas e reflexões sobre a pastoral urbana. Parte do pressuposto de que o conhecimento da cidade é de fundamental importância para a ação pastoral. A cidade é um desafio não só para as ciências sociais e urbanas, como também para a missão da Igreja, já que nela se concentram 80% da população. No espaço deste artigo, buscamos revelar algumas características da cidade, segundo a geografia humana, e, ao mesmo tempo, responder, com a teologia, a alguns de seus desafios. É importante ressaltar que ambas se preocupam com a cidade, especialmente no que se refere à centralidade do homem e à humanização do espaço urbano. O artigo tem como fundo, a vocação e identidade da Igreja, responsável pelo anúncio, a todos, de Jesus Cristo e seu evangelho.

Palavras-Chave: Cidade, Jesus Cristo, Igreja.

ABSTRACT

This article presents some clues and reflections about the urban pastoral. It assumes that the knowledge about the city is fundamental to a pastoral action. The city is a challenge not only for social and urban sciences but also for the mission of the Church once 80% of the population lives in it. In this article we try to reveal some characteristics of the city according to human geography and simultaneously answer to some of its challenges with theology. Its is important to stress that both are worried about the city especially concerning the centrality of the human being and the humanization of the urban space. The background of this article is the vocation and the identity of the Church, responsible for the announcing of Jesus Christ and his gospel to everyone.

Key words: City, Jesus Christ, Church.

INTRODUÇÃO

Ao iniciar a Carta aos Hebreus, revela o escritor sagrado que Deus, depois de ter falado, muitas vezes e de muitos modos aos nossos pais pelos Profetas, [...] ultimamente, nestes dias, falou-nos por seu Filho”.¹ Jesus é aquele que “[...] fala as palavras de Deus”.² Ele “[...] aperfeiçoa e completa a revelação e a confirma com o testemunho divino de que Deus está conosco para libertar-nos das trevas do pecado e da morte e para ressuscitar-nos para a vida eterna”.³ A preocupação do Senhor era infundir, com gestos e palavras, no espírito de todos, especialmente dos mais necessitados, aflitos e rejeitados, a vida nova. Jesus ia ao encontro das pessoas e com elas entabulava diálogos que despertavam para os valores do Reino e geravam projetos de vida. Esta era a pedagogia do Senhor para transformar homens e mulheres em verdadeiros interlocutores.

O Evangelho nos mostra Jesus pregando nas cidades e aldeias. Ele conhecia Jerusalém, Cafarnaum, Nazaré, Jericó, Belém. Em suas ruas, praças, nas sinagogas e casas, e até no templo de Jerusalém, anunciou a boa nova. Jesus convivia com seus moradores e proclamava a boa nova a partir das experiências de vida, esperanças, alegrias, dores e sofrimentos do povo. Conhecia em profundidade a realidade e os homens de seu tempo. As cidades eram o espaço onde Jesus revelava a bondade e a misericórdia do Pai. O Mestre contemplou e amou as cidades, os habitantes e suas paisagens. Em Jerusalém, cidade particularmente querida, pregou, converteu, curou doentes, purificou o templo da rapinagem comercial, dialogou com as autoridades, mestres da lei, escribas e fariseus, foi condenado pelas autoridades sob os aplausos dos cidadãos, morreu crucificado e ressuscitou. Seu amor por Jerusalém se manifestou de forma peculiar ao contemplar sua paisagem: “Jesus se aproximou, e quando viu a cidade, começou a chorar”.⁴ Chorou, porque conhecia os corações de seus moradores. Corações que o rejeitaram.

Jesus foi pastor na cidade e da cidade. Deu a vida pelos seus cidadãos. Multidões desejavam escutar sua mensagem e ver suas atitudes. Sua palavra atraía. Aceitava o desafio de dialogar com estranhos, estrangeiros, de outra fé e cultura. Enfim, com aqueles que poderíamos chamar de “outro”.

¹ Cf. Hb 1,1-2.

² Jo 3,34.

³ VATICANO II. *Dei Verbum*, nº. 04.

⁴ Lc 19,41.

Alguns gregos foram a Jerusalém, porque tinham esperança de conhecer Jesus. Disseram a Felipe: “Queremos ver Jesus.”⁵ Eles representam o “outro”, uma identidade marcada pela diferença. Especialmente nos grandes centros, Jesus tinha oportunidade para falar com os “outros”. O coração do Mestre amava a todos. Não tinha preconceitos.

A primeira experiência missionária da Igreja aconteceu na cidade de Jerusalém, diante de grupos diferentes: “Entre nós, há partos, medos e elamitas, gente da Mesopotâmia, da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egito e da região vizinha de Cirene; alguns de nós vieram de Roma, outros são judeus ou pagãos convertidos; também há cretenses e árabes”.⁶ A religião, procedência, cultura, língua, e as ideologias não eram empecilho para acolher a boa nova: “[...] e cada um de nós em sua própria língua os ouviu anunciar as maravilhas de Deus. Todos estavam admirados e perplexos...”⁷ A cidade é o espaço da alteridade, da interculturalidade, da presença do “outro”, do “diferente” e, ao mesmo tempo, o espaço possível para se construir a comunhão. O homem “urbano” é sempre um “outro”.

1. UMA PASTORAL QUE VAI AO ENCONTRO DA REALIDADE

Elemento importante da pastoral de Jesus foi sua inserção nas situações reais de seus ouvintes. O Mestre conhecia a realidade. O ser humano com todos os seus problemas era foco da sua permanente encarnação. Jesus penetrou nos corações dos seus interlocutores e lhes propôs uma nova vida. Foi visitar, conhecer e salvar Zaqueu, chefe dos cobradores de impostos,⁸ um exemplo de homem da cidade. Neste sentido, podemos entender que Jesus tomou a cidade como o “lugar”, o “ponto de partida para um itinerário”, o “início de uma caminhada” para o anúncio do Reino.⁹

O agente de pastoral urbana não pode ignorar a necessidade de desenvolver nas áreas urbanas “um trabalho de busca de Deus”.¹⁰ No seguimento do Mestre, ele precisa levar em conta a realidade, feita de inúmeros elemen-

⁵ Jo 12,21.

⁶ At 2,9-11.

⁷ At 2,11-12.

⁸ Lc 19,1-10.

⁹ JOSGRILBERG, Fábio B. Cotidiano e invenção. Os espaços de Michel de Certeau. São Paulo: Escrituras, 2005, p. 39-40.

¹⁰ Idem.

tos, mas consciente de que pode sempre se surpreender com o inesperado das ações divinas, que se manifestam por si mesmas. E não lhe podem ser estranhos os dados da realidade. Ele precisa conhecer a paisagem e os espaços da cidade, as novas “tribos urbanas”, os pontos nevrálgicos, ou não, do comércio, a materialização do trabalho, os territórios de concentração de pessoas, os cortiços e periferias, os paraísos residenciais, as expressões de linguagem, a interculturalidade, a pluralidade, as empresas, a administração pública, a política, as associações populares, as religiões, a cultura popular, as ideologias... Enfim, tem necessidade de conhecer a dinâmica dos nervos urbanos, assim como o dia-a-dia dos cidadãos, seus anseios, obstáculos e desafios, “seu *desejo* de Deus”.¹¹

a) Um olhar sobre a cidade

Diante dessas considerações, gostaríamos de descrever, o quanto possível, algumas características, peculiaridades e atrativos da cidade. Este nos parece ser um caminho adequado para situar melhor o espaço da ação pastoral e, também, de realização da missão da Igreja na cidade. Como podemos compreender a realidade urbana? Pelo número de habitantes, pela sede da municipalidade? Pelo predomínio do construído sobre a natureza ou pelo comércio, volume de trânsito, centralidade dos serviços e disponibilidade de recursos financeiros, de saúde, educação? Pela catedral, pelos *shoppings*? Quais seriam as características de um contexto que o homem urbano organiza, desorganiza, constrói e reconstrói?

Do ponto de vista metodológico, o conhecimento da cidade não pode dispensar o auxílio das ciências urbanas, antropológicas, sociológicas e teológicas, nem a experiência acumulada do pastor junto ao povo. A cidade não é apenas uma instituição jurídica, administrativa, política e social. Não é somente o lugar da máquina administrativa, da sede de governos. Na visão de Milton Santos, a cidade é o espaço dos fixos e fluxos,¹² do permanente e do transitório, da oferta contínua de bens. Lefèbvre conceitua a cidade, em primeiro lugar, como “a projeção da sociedade sobre um local”, em que “aquilo que se inscreve e se projeta não é apenas uma ordem distante, uma

¹¹ Idem.

¹² SANTOS, Milton. A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 50.

globalidade social, um modo de produção, um código geral, é também um tempo, ou vários tempos, ritmos”.¹³

A cidade vive da condensação entre tempo e espaço. Sempre é tempo de tudo e para tudo, de compras a qualquer hora, até sem sair de casa. Ela não tem relógio, não marca o tempo pelo velho registro pendular. Tudo tem que ser rápido, a exemplo da Bolsa de Valores. Este novo tempo-espaço, feito de velocidade e simultaneidade, alterou as relações humanas e ampliou de forma geométrica as possibilidades de contato com outros modos de vida. As novas tecnologias de comunicação e informação, geradas no processo de globalização, trouxeram para perto o distante e deram ao tempo o caráter de permanência.

Entretanto, parece faltar tempo para tudo. A metrópole é o espaço do cidadão em trânsito, da necessidade de pertença a vários espaços, entre os quais estão, entre outros, os locais de moradia, trabalho, lazer, culto e ensino. O morador da cidade é o homem da multipertença, um ser fragmentado. A divisão das tarefas cotidianas, necessárias para responder às exigências da sociedade, criou um ser fragmentado. Muitos pais de família têm dois empregos. As mães dividem o tempo com a casa, acompanhamento dos filhos na escola, cursos variados, clubes, e, com certa frequência, num trabalho paralelo para cooperar com a economia doméstica.

O mundo está em rede.¹⁴ A existência social depende de nossa conexão a uma determinada rede. Hoje, os trabalhadores se classificam como “ativos na rede”, “passivos na rede” ou “desconectados”. No mundo globalizado, as unidades econômicas nacionais estão conectadas nas redes da economia mundial, pelas quais correm os fluxos financeiros, as bases do capitalismo global. Podemos dizer que “estar-em-rede” significa participar do fluxo da riqueza e “não-estar-em-rede” é vivenciar novas formas de exclusão, de miséria e de violência. Para o homem urbano cresce a interdependência, pois a cidade é um feixe de relações, uma rede de interesses, um espaço de entrelaçamento das diversidades, ponto de confluência, divergência e difusão das redes de comunicação e de intercâmbio entre diferentes territórios, internos e externos.

Em tempos de globalização, todos desejam participar de tudo. Os excluídos levantam a voz na luta pelos seus direitos. A dialética entre o

¹³ LEFEBVRE, Henri. A revolução urbana. Belo Horizonte: UFMG, 1999, p. 160.

¹⁴ Idem, cap. XI.

local e o global, entre a cidade e o mundo, coloca o cidadão frente a frente a novos interlocutores, de nacionalidades, línguas e culturas diferentes. Especialmente a internet ampliou a roda das relações entre os cidadãos. O outro não é apenas o vizinho, mas o habitante do planeta. Do ponto de vista de sua especificidade, ou da especificidade dos fenômenos urbanos, a cidade está

“[...] a meio caminho entre aquilo que se chama de ordem próxima (relações dos indivíduos em grupos mais ou menos amplos, mais ou menos organizados e estruturados, relações desses grupos entre eles) e a ordem distante, a ordem do código jurídico formalizado ou não, por uma ‘cultura’ e por conjuntos significantes”.¹⁵

Lembramos a extensa e complexa rede de etnias que nem sempre se deixam absorver pelo todo. Algumas resistem mais e até defendem sua cultura pela manutenção da língua original, pelas comidas típicas, lazeres e crenças... Pisamos, aqui, o espaço da multiculturalidade. Em São Paulo, por exemplo, alguns bairros remetem a lembranças de outros países: Vila Hamburguesa, Pompéia, Lausane Paulista, Brooklin. Por isso, apesar de falarmos de uma cultura urbana, não podemos nos esquecer de que existe, na cidade, uma realidade multiétnica, na qual o

“[...] homem de fora é portador de uma memória, espécie de consciência congelada, provinda com ele de um outro lugar. O lugar novo o obriga a um novo aprendizado e a uma nova formulação.¹⁶ [...] Vir para a cidade grande é, certamente, deixar atrás uma cultura herdada para se encontrar com uma outra. Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, este lugar é a sede de uma vigorosa alienação”.¹⁷

Dentre os elementos que fazem parte da composição da cidade, os fatores econômico e cultural agregam à urbe novas dinâmicas e desafios, que ampliam seu poder de atração. Na cidade, se encontram os centros de preparação acadêmica, escolar, profissional e técnica, propiciada por

¹⁵ Cf. LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Documentos, 1969, p. 47.

¹⁶ Cf. SANTOS, Milton. A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 264.

¹⁷ Idem, p. 263.

escolas de competência reconhecida, os centros de teologia e os institutos destinados a formar sacerdotes, religiosos e leigos, as bibliotecas, editoras, os espaços de treinamento de executivos outros, mesmo que nem sempre formem o cidadão para integrar-se na realidade urbana.

Sobre esse fundo conceitual e descritivo, mais do que aprofundar definições da realidade urbana, destacamos o fascínio da metrópole sobre milhares de pessoas. A cidade tem a mística de criar sonhos. Há pobres que se tornaram cantores, artistas, jogadores de futebol, ricos e famosos. Na cidade, é possível ganhar dinheiro. As oportunidades aparecem.¹⁸ É o lugar do trabalho, da busca de curas e tratamentos especiais. A cidade é o lugar do encontro com a alteridade, o espaço de possibilidade de novas relações e de realização pessoal:

“Lá onde eu moro não tem o que fazer. Fica longe de tudo. Para chegar até o asfalto tenho que caminhar 15 minutos por um caminho de terra no meio do mato, e depois mais 15 minutos até o ponto de ônibus. Depois de uma hora e meia, chego na cidade. Não tem nenhuma pessoa mais nova. Só uma com quem não gosto de conversar. O que vou ficar fazendo lá?”¹⁹

Em sua materialidade, contudo, enquanto resultado de um processo de trabalho, de uma divisão técnica e social, a urbe é o lugar das contradições, da produção simultânea da “[...] riqueza e da pobreza, da abundância e da escassez”.²⁰ Este é um dos paradoxos do meio urbano. Lugar de interação com os pólos industriais e com os “paraísos residenciais”, a cidade recebe influências econômicas, sociais e culturais das indústrias que a cercam. Condomínios residenciais, construídos fora do centro da cidade, abrigam, com frequência, administradores e pessoas influentes. Em contraponto, os espaços apertados das favelas ou cortiços implodem o espaço de liberdade, interferem na privacidade das famílias, podem gerar promiscuidade, convivência difícil e forçada. Nos bolsões de miséria, viver

¹⁸ Nova Iorque é objeto de desejo da personagem Sol, da novela "América". Ela deixa o Brasil, seduzida pelo sonho americano de riqueza. Sofre risco de morte e humilhações, mas a ilusão a faz perseverar a ponto de "casar com um americano", apenas no papel, para permanecer nos Estados Unidos.

¹⁹ Diálogo com C., 20 anos, 04 de abril de 2006.

²⁰ SILVEIRA, Maria Laura. São Paulo: os dinamismos da pobreza. In CARLOS, Ana Fani A. e OLIVEIRA, Ariovaldo U. (orgs.). Geografias de São Paulo: Representação e crise da metrópole. São Paulo: Contexto, 2004, V. 1, p. 66.

é um desafio contínuo, pela falta de saneamento básico, de áreas verdes e de lazer, de meios de transporte coletivo suficientes. Escolas públicas sucateadas, serviços de saúde ineficazes, moradias precárias fazem com que, para grande parte da população, morar seja uma necessidade e não um prazer.

Daí, uma das características marcantes da cidade, que são os “territórios urbanos”, com suas peculiaridades. A Igreja, por exemplo, divide o espaço em “territórios paroquiais” ou “diocesanos”. Alguns territórios não excluem outros, podendo haver neles um ajuste de forças entre grupos, para imposição de limites. Muitos desses “territórios” se organizam, primordialmente, como focos de poder. Em alguns deles, “tribos urbanas” demonstram sua força pela ação de grupos temidos e violentos, freqüentemente ligados ao comércio e ao tráfico de drogas, à prostituição, aos jogos de azar, às bases eleitorais, às torcidas organizadas, aos grupos de extermínio, aos comandos de arrastões, assaltos e crimes. Provavelmente, a organização dessas “tribos urbanas” tenha origem no enfraquecimento das instituições sociais, da família, da escola e da Igreja, e na falta de apoio aos jovens para a formação de grupos orientados pelo paradigma da positividade.

No “xadrez” da cidade, os meios de comunicação social também demarcam “territórios” que perpassam todos os ambientes. A casa já não é mais apenas o espaço da concentração da vida familiar. Pode ser invadida por várias formas de influência, que extrapolam a visibilidade dos limites territoriais. Na cidade, onde se concentram os grandes meios de comunicação social - TVs, rádios, jornais, centros de internet, agências de notícias e telefonia... -, jornalistas e repórteres estão em permanente plantão para destacar os dramas, a pornografia, a pedofilia, a violência, a corrupção, fatos que produzem impacto comunicativo e geram altos índices de audiência.

A cidade é o lugar da compra e venda, das exposições permanentes de produtos de todos os tipos. Quase tudo pode ser visto e consumido, ainda que pelo olhar. Muitas praças e avenidas se transformaram, em grande parte, em áreas de comércio ambulante de produtos de diversas origens. Há sempre alguém oferecendo alguma coisa: iguarias, previsões da sorte, chás, livros, comestíveis, carros e casas... Tudo se compra e se vende: religião, cultura, sexo, lazer, saúde, música... Até a esmola é uma compra que fazemos: adquirimos o “sossego do pedinte, ou um pedacinho do céu”.

b) Imersão num universo pluralista e contraditório

As tramas da realidade urbana favorecem o individualismo e reforçam a autonomia em relação aos grupos naturais, família, vizinhança, religião e etnia. Para os mais jovens, significa libertação da fiscalização permanente. O indivíduo é o princípio e o fim da vida moral, desaparecem os limites. A religião é um assunto privado. Cada pessoa pode escolher os componentes de sua fé, às vezes até contraditórios. Nasce um código religioso, criado pela liberdade de escolha e formado por um pluralismo de significados. Até o termo Deus passa a ser entendido de maneira imanentista, como energia, ou de maneira politeísta ou panteísta e mágica. Contudo, esta mesma sensação de liberdade pode esconder formas de dependência e manipulação, especialmente pela influência dos meios de comunicação social.

Uma das decorrências é a supervalorização do prazer individual, único bem possível. O subjetivismo é filho primogênito do individualismo. O cidadão avalia tudo a partir de seu paradigma. Referências a mandamentos ou leis objetivas são relativizadas. O que conta é a felicidade do sujeito. Com isso, temos uma forte tendência a excluir o outro, especialmente os “diferentes”, como os mais pobres ou de outra etnia. A sociedade deve estar a serviço do indivíduo. Este tem direito à felicidade, como bem privado. O critério ético do próprio comportamento é o sujeito. Os conteúdos religiosos passam a ser “subjetivados”. Os mandamentos de Deus são relativizados, os da Igreja ignorados.

O vazio existencial, revelado pelo consumismo desenfreado ou pela compulsão de comprar sempre mais, mostra o processo permanente de insatisfação no qual as pessoas estão submersas. Conseqüentemente, confrontam-se, na mesma arena, diferentes ideologias, culturas, religiões e interpretações da realidade. A insistência na comunicação da violência pode trazer um certo desencanto pela cidade, sufocar a esperança, provocar pânico, insegurança e ansiedade, e disseminar ideologias, modas, crenças e costumes que dificultam a formação de núcleos familiares saudáveis.

A cultura do corpo, do bem-estar corporal e estético, é, hoje, uma exigência. Vivemos na época da proliferação das academias, cirurgias plásticas, dos centros de estética. Tempo dos “sarados”. O deus contemporâneo é o corpo. O novo deus é um deus que goza da corporeidade. Além disso, gostaríamos de recordar que o paradigma da hegemonia nos tempos atuais continua a ser o da pessoa de cor branca, rica e heterossexual. Os que não

se enquadram neste modelo podem ser excluídos e sofrer discriminações. Ao lado disso, as pessoas são avaliadas por sua utilidade, são coisificadas: o idoso, por exemplo, vai perdendo seu lugar, pela improdutividade. Não poucos, vivem a solidão, o anonimato das cidades grandes.

Muitas vezes, o preconceito e o não reconhecimento do outro como sujeito de direitos têm ampliado, em alguns espaços, a xenofobia e o racismo, gerando conflitos e discriminação, cuja conseqüência é, por vezes, um alto grau de violência urbana. Esta acaba por transformar o cidadão num ser acuado. Diariamente, ele se confronta com as notícias de assassinatos, tráfico de drogas, arrastões em prédios de luxo, assaltos de todos os quilates, enfim, com uma gama de acontecimentos que lhe causam medo, desconfiança e corrida em busca de mais segurança. As ruas e praças, antigamente, lugares de passeios, hoje são espaços de vigilância contínua e de passos apressados. Residir em apartamentos era uma solução. Hoje, o laço de uma segurança maior foi violado.

Nesse conjunto de desafios, muitos procuram a comunidade, grupos de referência e associações que venham ao encontro da natural necessidade humana de descobrir um ambiente de relações afetivas satisfatórias e de real significação existencial.

c) A paisagem urbana

Paisagem refere-se a tudo o que vemos num relance, a tudo aquilo que nossa vista alcança. Neste sentido, podemos defini-la “como o domínio do visível”.²¹ É o imediato que nossos olhos registram, situado em tempo e espaço determinados, mas momentâneos. Falamos de uma visão dotada de características e elementos singulares, de um momento único que pode ser congelado na pintura, na fotografia, na retina da memória e em outros modelos de captar o instantâneo. Reprodutora de vários momentos da história, nesta captura se desenham a diversidade de tempos, o trabalho humano, as linguagens e estilos, a variedade de materiais utilizados, tudo para construir o urbano. A paisagem é humana, tem a dimensão da história dos cidadãos, contém o esforço de cada trabalhador e de cada sociedade. A paisagem urbana não apenas materializa o trabalho humano, como também expressa modos de vida.

²¹ SANTOS, Milton. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988, p. 61.

O “instantâneo” que nossos olhos registram diante da paisagem da cidade pode nos proporcionar elementos de reflexão e estudo sobre a realidade urbana. Este rápido olhar traz para o espaço formal categorias como “ordem” e “caos”, que expressam o “processo de produção do espaço urbano, colocando-se no nível do aparente e do imediato”.²² A simbiose entre arranjo e desarranjo das coisas que salta ao nosso olhar não se nos apresenta como um “instantâneo” destituído de vida. Na paisagem urbana, prenhe de movimento, circulam a história, seus heróis, a realidade multifacetária de culturas, raças e ideologias.

Do mesmo modo, nem sempre se evidencia aos olhos do observador o jogo de esconde-esconde da história de relações humanas, das articulações e lutas entre o velho que se recusa a morrer e o novo que insiste em nascer. Mas, na cidade, a vida e o sonho persistem apesar de tudo e se desenham em múltiplas e distintas paisagens, que trazem lições e desafios.

A PAISAGEM DO CATADOR DE PAPEL

*A carrocinha do catador de papel vai em frente,
atrás uma grande fila de Fiats, Volkswagens, Mercedes e outros mais.
Lenta, levando o lixo de papel, de metal, plástico e vidro.
A carrocinha puxada por um homem que faz as vezes de um animal,
apenas um.*

*Atrás, cada carro com dezenas de cavalos, afiados, obedientes.
Orgulho do engenho humano.*

*O catador de papel leva dentro de si um sonho,
transformar o lixo em nicho, o desperdício em início.
Seu rosto pálido, sofrido, amargo se ilumina ao ver no lixo
um pedaço de papelão.*

Tudo pode ser transformado, desde a criação do mundo.

*Esta é a esperança do catador de papel.
Do resto do mundo tirar o seu próprio mundo.
A outra fila segue atrás.*

Não leva o lixo, talvez o luxo.

*Crianças e jovens vão para a escola, os pais para o trabalho,
alguns para o hospital.*

²² Cf. CARLOS, Ana Fani A. A cidade. São Paulo: Contexto, 2003, p 63.

*Todos correm movidos pelos seus sonhos, não como o catador de papel.
Sonhos mais complexos, conexos com o dinheiro a todo custo.*

Sonhos de trator.

É o contraste a vida.

*Catador de papel e catador de Papéis,
notas verdes, duplicadas, escrituras, contratos e muito mais.
Papéis ao vento, um dia consumidos pela terra ou pelo fogo,
apenas papéis.*

Quando falamos em paisagem urbana, não podemos deixar de realçar a paralisação instantânea do movimento do trânsito e de pessoas, que se intensifica nas horas de pico. Momentos recolhidos numa olhadela traduzem a pressa, o cansaço, a preocupação, o apetite, a estafa, o nervosismo, o comércio. São expressões objetivas e de subjetividades, dificilmente capturadas pelo olhar. Mas, seguramente, o cidadão que trabalha ou procura emprego, desanimado e só, que conversa ou joga com os colegas, que vende, compra e furta, encontra, na corrida da cidade, os meios para construir ou realizar um projeto de vida.

Cada paisagem registra um instante de um cotidiano diversificado e mutável, a ponto de se transformar completamente nos domingos e feriados, nos dias de grandes jogos e espetáculos.

“A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É um resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas. Por isso, ela própria é parcialmente trabalho morto, já que é formada por elementos naturais e artificiais. A natureza natural não é trabalho. Já o seu oposto, a natureza artificial, resulta do trabalho vivo sobre trabalho morto. Quando a quantidade de técnica é grande sobre a natureza, o trabalho se dá sobre o trabalho. É o caso das cidades, sobretudo as grandes. As casas, a rua, os rios canalizados, o metrô etc., são resultados do trabalho corporificado em objetos culturais.”²³

Esse conjunto de observações define o caráter humano, histórico e social da cidade, que existe e se justifica pelo trabalho da sociedade. “A vida e o movimento da cidade também estão visíveis seja pelos fluxos de

²³ SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1988, p. 68.

peças, de carros, de trens, de motos ou de carrocinhas de catadores de papel, movidas pela energia dos homens, mulheres e crianças, permanência de um passado não muito distante.”²⁴

A TARDINHA, UMA PAISAGEM QUE SE REPETE E MODIFICA

*O toque do sino é uma raridade,
se confunde com o barulho dos carros, buzinas das motos,
gritos e assobios dos guardas de rua.
As mulheres, algumas delas, recolhem as roupas no varal.
Roupas secas, semi-úmidas, fraldas raras, hoje, quase só de papel.
O olhar para o relógio é uma constante.
O tempo passa rápido, o sol já vai longe, esmaecendo,
cabelos dourados, derramados por toda paisagem.
Ônibus lotado.
Não tem mais lugar.
Só mais um, aperte um pouco mais, ainda mais.
Não mexa na saída.
Aqui a educação pulou pela janela.
Salva-se quem pode.
Tenho de chegar em casa, estou sendo esperado.
Filhos, mulher, irmãos, mãe, e tudo mais.
O relógio vai avançando.
De dentro do ônibus, como sardinha, apertado, moído,
cansado, ainda consigo pensar.
Hoje não é dia de prova.
Posso relaxar.
A tardinha traz a escuridão e com ela vem o medo,
a máscara, as luzes, a noite, a vida e tudo mais.
Já é noite.
Acabou mais um dia,
uma rotina cortada em pedaços
pelo diferente dos rostos, do tempo, dos momentos,
enfim, pela rotina de outros caminhos.
Valeu a pena,
mais uma tardinha que se vai.*

²⁴ PONTUSCHKA, Nidia Nassib. São Paulo, cidade educadora. In CARLOS, Ana Fani A. e OLIVEIRA, Ariovaldo U. (orgs.). Geografias de São Paulo: Representação e crise da metrópole. São Paulo: Contexto, 2004, V. 1, p. 370.

Antes da elaboração de projetos pastorais para a cidade, o agente de pastoral deveria refletir sobre a paisagem urbana. Ela condensa diversos períodos históricos, estilos diversos de construções, a materialização do trabalho de diferentes gerações. A paisagem urbana tem a dimensão vertical-histórica, em que se encontram os ancestrais do trabalho urbano, e a horizontal, vocação permanente de renovação. Por outro lado, a cidade não é apenas uma paisagem construída. Então, o que é uma cidade?

d) A produção e reprodução do espaço

De fato, a cidade não é apenas uma paisagem construída que se cristaliza numa fotografia. Podemos até dizer que é impossível abranger em profundidade a história de cada forma que risca o céu de uma cidade. As representações que temos da cidade não conseguem apanhá-la em sua totalidade, uma vez que ela está em constante processo de transformação, e isto interfere nas ações humanas. Mesmo assim, uma primeira imagem que fazemos dela é a de um conjunto de casas, prédios e vias de tráfego, milhares ou milhões de pessoas, indústrias, escolas, fábricas, policiais, conflitos, violência, espaços culturais, a sede do governo municipal, estadual e federal, a sede episcopal, os centros comerciais e de administração econômica, financeira e de gerenciamento empresarial.

“A paisagem é diferente do espaço. A primeira é a materialização de um instante da sociedade. Seria, numa comparação ousada, a realidade de homens fixos, parados, como numa fotografia. O espaço resulta do casamento da sociedade com a paisagem. O espaço contém movimento. Por isso, paisagem e espaço são um par dialético. Completam-se e se opõem. Um esforço analítico impõe que o separemos como categorias diferentes, se não queremos correr o risco de não reconhecer o movimento da cidade.”²⁵

Muitas vezes, encontramos inscrições em pontes, viadutos ou prédios como esta: “construído pelo governador X”. Mas será que foi o governador X o construtor dessas obras, ou foram dezenas de trabalhadores? Pessoas simples, estranhas à cidade? No final da obra, desaparecem os construtores

²⁵ SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1988, p. 72.

e sua energia criadora para dar lugar à idéia do “herói” construtor. Desvanecem, como fumaça no ar, o dia-a-dia da construção, o esforço de cada operário, as emoções surgidas da saudade da terra e da família e os sonhos nascidos na cidade de adoção. Cada obra não é apenas a realização de uma nova forma ou de um projeto, mas a materialização de um trabalho humano com todas as suas dimensões. Hoje, misturado com a força da máquina e a engenharia dos computadores. Neste sentido, a cidade pode também ser absorvida mais pela perspectiva de uma obra de arte, como objeto de fruição.²⁶

“Se há uma produção da cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais do que uma produção de objetos. A cidade tem uma história, ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas.”²⁷

Um dos elementos fundamentais para a compreensão da cidade é não ignorar a dimensão do humano presente na produção e reprodução do espaço. A cidade é a concretização de relações humanas, ocorridas no tempo e concretizadas no espaço. Cada espaço urbano, como produto de uma história orientada por interesses e ideologias, atualiza formas diferentes de pensar, sentir, consumir. A cidade é, portanto,

“[...] um trabalho objetivado, materializado, que aparece através da relação entre o ‘construído’ (casas, ruas, avenidas, estradas, edificações, praças) e o ‘não construído’ (o natural) de um lado, e do movimento de outro, no que se refere ao deslocamento de homens e mercadorias”.²⁸

Construção humana, social e histórica, entendida não como um bem ofertado ao homem, mas como resultado de um trabalho coletivo. O espaço urbano materializa de forma eloqüente a separação entre o homem e a natureza e as desigualdades sociais. Ele se faz linguagem, comunica as diferentes formas de relação entre as pessoas e com a própria divindade. As igrejas, sinagogas, mesquitas e outros templos comunicam, de alguma forma, a religião da cidade.

²⁶ Cf. LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Documentos, 1969, p. 48.

²⁷ Idem.

²⁸ CARLOS, Ana Fani A. A cidade. São Paulo: Contexto, 2003, p. 50.

2. UMA PASTORAL DIALÓGICA

O conhecimento, a compreensão e o acolhimento da realidade constituem elementos essenciais para a realização do diálogo pastoral. É necessário “[...] compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu caráter tantas vezes dramático”.²⁹ Espalhadas pelo contexto, as referências da fragilidade e da riqueza humana servem como índices dos problemas sociais e de suas possíveis soluções. Por este aspecto, o contexto tanto revela quanto oculta as frustrações e alegrias, as aflições e esperanças da cidade. Ele pode nos orientar sobre a melhor forma de realizar o diálogo pastoral, enquanto a caridade, o amor, inerente à ação pastoral, nos oferece o seu conteúdo. Como Jesus, que, compadecido da multidão faminta e levado por seu amor misericordioso, reuniu-a para o banquete dos peixes e do pão,³⁰ que, finalmente, consumou na comunhão eucarística do pão e do vinho, alimento para a eternidade.

O conhecimento da realidade, do contexto urbano a que nos referimos passa, também, pela necessidade de ouvir e procurar entender a linguagem da cidade, seus códigos e formas de manifestação. Sem o conhecimento e manuseio dos códigos da cidade é quase impossível realizar um diálogo com a cidade e seus moradores. O conhecimento da linguagem urbana é condição para uma verdadeira comunicação-interação entre a Igreja e os cidadãos. Importante recordar que a cidade abriga diferentes realidades, favelas, cortiços, arranha-céus, áreas residenciais nobres como condomínios fechados, palácios públicos, a rua de casa, as grandes avenidas, enfim, uma realidade complexa capaz de hospedar mundos diferentes, às vezes, até opostos. Cada um destes espaços gera uma linguagem peculiar, uma maneira própria de o cidadão falar com o outro e com a cidade.

A dinâmica da cidade exige sempre novas construções de linguagem. Falar com a cidade supõe um exercício permanente de atualização. Aparecem sempre novas formas de comunicação, não só no campo da técnica, mas também na criação de sinais e símbolos urbanos. A linguagem urbana se refaz e se repropõe. Ela hospeda, em sintonia com a pluralidade de raças e culturas, novas expressões. O mundo da linguagem urbana está em contínuo movimento, seu repertório se atualiza permanentemente. A linguagem urbana

²⁹ VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, no. 04.

³⁰ Cf. Jo 6.

é dinâmica. A cidade se comunica com rapidez. As notícias são transmitidas a todo o momento. Os jornalistas estão de plantão para trabalhar a notícia. Os *outdoors* precisam de uma linguagem concisa, de fácil decodificação. O consumo deve ser rápido. Todo mundo corre pelas ruas, com seus carros ou de ônibus. O metrô é um símbolo da busca da rapidez.

Por outro lado, a linguagem, ainda que aperfeiçoada, técnica e específica, é sempre limitada. Ela não tem a capacidade de expressar totalmente o objeto a que se refere. Toda expressão é parcial. Além deste limite intrínseco à linguagem, existe ainda certa tensão entre a linguagem da fé e a linguagem da metrópole, uma comunica debaixo do paradigma do lucro, da venda, a outra da gratuidade. Uma é instrumento para o comércio, a outra para a caridade. Mesmo não ignorando este aspecto, a pastoral urbana deve alimentar-se de um permanente esforço para criar sintonia com o cidadão por meio da linguagem do amor e do testemunho de vida em Cristo, a fim de atingirmos a alteridade.³¹

Importa recordar que a história da salvação é construída por uma linguagem dinâmica, um diálogo variado, na qual “[...] o Deus invisível,³² levado por seu grande amor, fala aos homens como a amigos,³³ e com eles se entretém,³⁴ para os convidar à comunhão consigo e nela os receber”. Em Jesus de Nazaré, o diálogo entre Deus e o ser humano se torna mais concreto, à medida que “[...] suas palavras proclamam as obras e elucidam o mistério nelas contido”.³⁵ Pela encarnação, o Verbo de Deus veio assumir a linguagem dos homens, os códigos da natureza humana, como forma de garantir o fluxo da boa nova.

Na esteira do plano da salvação, a Igreja do Vaticano II entende o diálogo como um instrumento fértil para uma nova metodologia pastoral. A motivação para o diálogo aparece em vários momentos do Concílio. Dialogar é dever da Igreja e tarefa do episcopado, uma pedagogia em vista da salvação, tecida na humildade e na afabilidade, na prudência e na confiança, tanto quanto na perspicácia da palavra. Estes critérios sobre o diálogo, apresentados no

³¹ "A linguagem possui limitações intrínsecas quando procura explicar o significado de algo. Tais limitações, de princípio, incidem também sobre a linguagem teológica." JOSGRILBERG, Fábio B. Cotidiano e invenção. Os espaços de Michel de Certeau. São Paulo: Escrituras, 2005, p. 37.

³² Cf. Cl 1,15; 1Tm 1,17.

³³ Cf. Ex 33,11; Jo 15,14-15.

³⁴ Cf. Bar 3,38.

³⁵ VATICANO II. Constituição Dogmática Dei Verbum, no. 02.

Decreto *Christus Dominus*, nº. 13, como método para se propor a doutrina cristã, ganham desdobramentos em outros documentos conciliares. Entre estes documentos, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* assume, de modo intencional, como eixo orientador a proposta de um diálogo permanente entre a Igreja e todos os tipos de agrupamentos humanos.

A Constituição propõe um diálogo com o homem moderno a partir da sua realidade. Propõe a manutenção de um canal por onde deve o transitar o evangelho, a concepção cristã da vida, enfim, o projeto do Reino. Uma Igreja solidária e comprometida com a humanidade, desejosa de participar de suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias,³⁶ aberta às aspirações e aos anseios verdadeiramente humanos, não pode ignorar a linguagem do seu tempo, sem o que, estaria dialogando, talvez, com os anjos e não com os homens.

Sobre a importância do diálogo, seria interessante recordar que o Papa Paulo VI antecipou-se à *Gaudium et Spes*, na *Ecclesiam Suam*, Primeira Carta Encíclica que dirigiu aos fiéis, em 06 de agosto de 1964. No Capítulo III, cujo tema é o diálogo, o Papa afirma a necessidade de utilizá-lo na prática pastoral: “A Igreja deve entrar em diálogo com o mundo em que vive. A Igreja faz-se palavra, faz-se mensagem, faz-se colóquio.” Clareza, mansidão, confiança e prudência são predicativos e condições para a realização do diálogo. A “clareza” pressupõe o conhecimento e o uso correto dos signos de um mesmo código. Por outro lado, a clareza não basta. “O diálogo da salvação partiu da caridade, da bondade divina [...] nada, senão o amor fervoroso e desinteressado, deve despertar o nosso”, afirma Paulo VI.

O estabelecimento de um diálogo profícuo e frutuoso supõe despojamento, humildade, desejo de escuta, disponibilidade para servir e reconhecimento dos valores do mundo. É bom lembrar que nem toda conversa é diálogo. Tudo pode ser objeto de uma fala. Conversas não exigem um compromisso com a mensagem veiculada. No diálogo, os interlocutores buscam construir, na alternância do discurso, um espaço para a busca da verdade. O exercício do diálogo permite estabelecer relações sadias na convivência familiar, nas escolas, clubes, igrejas, na economia, no comércio e nas demais áreas penetradas pela intersubjetividade humana. Nos espaços sociais do dia-a-dia, o diálogo compõe as relações, mesmo que ainda permaneça imperfeito na forma e no conteúdo. Não fosse assim, os fatos sociais seriam pura barbárie e selvageria.

³⁶ VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, no. 1.

Contudo, nem sempre apostamos na importância do diálogo como instrumento de interação, integração, apoio e correção. No dinamismo da cidade, atribulados pela premência do tempo e pelas inúmeras solicitações de cada dia, quantas vezes não ignoramos as oportunidades de diálogo e a presença do interlocutor, alheios às urgências e aos conteúdos de esperança que dão um sentido a nossa caminhada de fé. A pastoral dialógica carrega sempre, de algum modo, o anúncio da pessoa, da vida, da morte e da ressurreição de Jesus. Realiza-se no bojo de um mistério que tem origem e plena realização na unidade indissolúvel entre o Criador, o Salvador e o Santificador do mundo. De um mundo a ser recriado, perdoado e penetrado da graça divina.

Neste conjunto de ações que nos alcançam e ultrapassam, anunciar Cristo a todos, de forma dialógica, deve ser uma das primeiras preocupações do agente de pastoral. De tal modo, que a excelência do trabalho pastoral na cidade não se perca na simples contemplação da paisagem e do espaço urbano. Falamos de uma ação que se insere no “espaço existencial” ou numa “existência espacial”³⁷ de uma população formada pela heterogeneidade de pessoas, cada uma com uma identidade e uma trajetória, com um mundo peculiar de experiências culturais, de gostos e interesses, de concepções sobre a fé, de práticas religiosas, de alegrias, sonhos e decepções.

Por isso, o diálogo pastoral é infinitamente mais do que uma simples conversa e não se manifesta apenas pelo simples falar com as pessoas. Neste campo, penetramos no dinamismo de um diálogo de salvação, cujo estatuto se vale dos códigos da vida e da esperança. A nosso ver, essas perspectivas lançam as bases para uma nova atitude pastoral. A presença da Igreja no mundo, na realidade complexa do campo ou da cidade, é condição para o encontro do evangelho com os homens de nosso tempo.

CONCLUSÃO

A Igreja não pode ser indiferente à cidade. Vivem, hoje, nos centros urbanos, mais de 75% das pessoas. Na Europa, quase 90%. Por isso, podemos dizer que a cidade deve ser o espaço privilegiado da ação eclesial. O imperativo do Evangelho, “Ide e evangelizai todos os povos”,³⁸ aponta para

³⁷ JOSGRILBERG, F. B. Cotidiano e invenção. Os espaços de Michel de Certeau. São Paulo: Escrituras, 2005, p. 132.

³⁸ Mc 16,15.

o grande desafio de anunciar Jesus Cristo às cidades. João Paulo II nos alerta sobre a necessidade da pastoral urbana: “Hoje, a imagem da missão *ad gentes* talvez esteja mudando: lugares privilegiados deveriam ser as grandes cidades, onde surgem novos costumes e modelos de vida, novas formas de cultura e comunicação que, depois, influem na população.”³⁹

Uma questão recorrente nas discussões pastorais é se a Igreja está evangelizando a cidade e se suas paróquias têm força e estrutura adequadas para essa missão. Entendemos que o cristão deve ser “fermento de justiça” e fraternidade no mundo em que vive, mas precisa encontrar, na contemplação de Jesus Cristo, as razões para isso. Gostaríamos de apontar alguns elementos que podem ajudar nesta reflexão.

A Igreja tem a missão primeira de anunciar a Pessoa de Jesus Cristo e seu Reino. Compete a ela desenvolver trabalhos missionários criativos para atingir o maior número possível de pessoas. Para isso, é necessário alimentar sempre a “consciência missionária”. Dar atenção especial à missão,⁴⁰ ao itinerário da Palavra, levada pelos cristãos missionários, de pessoa para pessoa, de grupo para grupo, de família para família. É preciso criar o hábito das missões permanentes, em continuidade à prática de Jesus. “Ir ao encontro de todos” por meio das visitas missionárias⁴¹ é, sem dúvida, atualizar a metodologia do próprio Cristo.

Neste sentido, reiteramos que a dinamização da Igreja na cidade depende do conhecimento da realidade urbana, de seus fluxos e fixos, o que inclui os territórios nela existentes, sua linguagem, as diversas culturas dos cidadãos, enfim os nervos da cidade, como já dissemos. Do ponto de vista religioso, unidade e diversidade são os princípios que devem inspirar a participação dos fiéis em vista da comunhão e do espírito missionário. Por força da explosão demográfica em determinados lugares ou regiões, é indispensável encontrar novos espaços que possam abrigar a celebração da Palavra e da Eucaristia, como meio de atingir o maior número possível de cidadãos.

³⁹ JOÃO PAULO II. *Redemptoris Missio*, 37b.

⁴⁰ Com a missão os caminhos da Palavra de Deus crescem e se multiplicam (cf. At. 12,24). Quando o livro dos Atos afirma que a Palavra crescia e se multiplicava, quer dizer que crescia e se multiplicava o número daqueles que se tornavam missionários.

⁴¹ “Jesus percorria todas as cidades e aldeias” (Mt 9,35), ia às casas e sinagogas, para levar a boa nova, a misericórdia de Deus (Lc 8,40-42.49-55) e a cura (Lc 4,38-39). Enviou seus discípulos, dois a dois (Mc 6,7), para que fizessem o mesmo. Jesus é o modelo dos visitantes missionários. Jesus disse: “Vamos a outros lugares. Lá também devemos pregar o Evangelho” (Mc 1,38).

Da mesma forma, sentimos a necessidade de criar comunidades e paróquias que sejam verdadeiras “tendas de Deus” no meio do povo. Com isto, queremos destacar que é preciso aproximar da população os serviços eclesiais e estar cada vez mais disponíveis para escutar, dialogar, abençoar, enfim, caminhar junto do povo, estimular a fidelidade e a perseverança. Nossas paróquias se encontram multiplicadas nos diversos espaços da cidade, para serem, de fato, “casas de Deus”, sinais inconfundíveis de fé e esperança. Uma cidade sem paróquias daria uma sensação de vazio, de uma linguagem urbana inacabada. Os templos compõem a linguagem da cidade.

Nossas igrejas são também um ponto de referência para os que buscam a caridade, o espaço do amor-partilha. Quantas pessoas vêm até elas, em busca de uma cesta básica, de auxílio para transporte ou de remédios e dinheiro para o gás. E não poucas comunidades mantêm, dentre outros serviços, o atendimento a crianças, gestantes, desempregados e moradores de rua. É importante recordar que serviços são também formas de evangelizar. Ao lado disso, nossas comunidades são espaços de serviços de evangelização. Portanto, é indispensável que as igrejas permaneçam abertas e mantenham plantões de acolhimento e orientação bem organizados e preparados.

Nossas igrejas devem ser caminhos privilegiados para a preparação e administração dos sacramentos. Por elas passam os que desejam lavar-se nas águas do batismo ou passar da escravidão do pecado para a vida da graça, por meio do sacramento do perdão dos pecados. Nelas, encontramos o novo “maná”, presença viva de Cristo na eucaristia, símbolo da nova aliança e alimento permanente que Deus nos oferece pelos desertos da vida cotidiana.

Para melhor cumprir sua missão, a Igreja deve recorrer aos meios de comunicação social abundantes na cidade, como jornais, boletins, cartas pastorais, internet, rádios e TVs. É importante anunciar não apenas as notícias paroquiais, mas estar presente nos meios mais abrangentes. O conteúdo da comunicação eclesial é, essencialmente, o anúncio da Pessoa de Jesus Cristo. Por estes meios de comunicação, os cidadãos podem também ser convidados para cultos e outros eventos da Igreja.

Os leigos transitam por todos os espaços da cidade. Daí a importância de que sejam preparados para serem apóstolos da boa nova, não apenas por meio do anúncio, mas também pelo testemunho de vida.⁴² É imprescindível

⁴² João Paulo II. *Ecclesia in America*, nº 54.

orientá-los para darem testemunho evangélico pela competência profissional, responderem às questões e desafios presentes nos mais variados espaços profissionais e pessoais, sempre a partir das exigências da ética cristã.

No mundo pluralista em que vivemos, a Igreja é uma instituição a mais no seio da sociedade, comprometida com seu desenvolvimento humano e espiritual. Embora a cidade possa ser lugar de morte, pode também se transformar em espaço de explosão da vida. Para evangelizá-la, devemos assumir atitudes e posturas coerentes de escuta e inserção a serviço do Reino, com humildade, disposição para aprender e acolher. Em lugar de condená-la, é preciso ir ao encontro de seus valores e reconhecer sua autonomia.

Como discípulo de Cristo, o pastor da cidade deve ser capaz de amá-la, com todos os seus dramas e seus sinais de vida. Mesmo que seja uma mistura de vida e morte, de valores e contra valores, que se cruzam por suas ruas e praças e que invadem nossos lares e igrejas, não podemos deixar de perceber que na cidade vivem nossos irmãos e que nela devemos semear a boa nova. Na história da salvação, por exemplo, a cidade de Nínive, marcada pelo pecado, transformou-se em cenário de vida.

Como lembra a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, é preciso empregar a pedagogia do diálogo para com todos. Ela nos ensina que devemos dirigir a palavra não somente aos batizados e aos que invocam o nome de Cristo, mas a “todos os homens” (GS 2), a “toda a família humana” (GS 3), a “crentes e não crentes” (GS 21), mesmo para “aqueles que se opõem a Igreja” (GS 92), “os adversários” (GS 28), “o mundo e os homens de todas as opiniões” (GS 43). Esta pedagogia evangelizadora se torna ainda mais imprescindível diante da pluralidade crescente do mundo atual.

O desenvolvimento da tecnologia, da economia, da cultura e da filosofia, pautado no secularismo, acaba por negar a ação de Deus na história e considerar alienados os que crêem nele. Os fenômenos da descrença e do indiferentismo, “sobretudo por parte daqueles que vivem como se não fossem batizados”⁴³ são também preocupantes. Apesar de o universo simbólico unitário da cristandade ceder lugar a interpretações pluralistas, no âmbito moral, doutrinal, religioso, só evangelizaremos a cidade se permanecermos ancorados em nosso amor a Cristo e à Igreja, se assumirmos, de fato, nossa identidade de cristãos católicos. Uma cultura fragmentada e carente de sonhos,

⁴³ PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, 56.

fundada na transitoriedade, desafia a utopia cristã de um mundo mais justo e fraterno, bem como recusa-se a aceitar uma doutrina permanente. Neste contexto, evangelizar significa assumir a responsabilidade de apresentar aos fiéis a plenitude do Evangelho e as razões de nossa esperança em Jesus Cristo “com suavidade e respeito”.⁴⁴ A pastoral urbana pede o protagonismo dos leigos, pois eles estão nos diversos lugares da cidade.

A pastoral urbana deve partir da valorização da pessoa e propor a experiência cristã em clima de liberdade, a fim de cumprir sua finalidade de anunciar Jesus e os ensinamentos da Igreja em espaços impregnados por diferentes culturas, ideologias, crenças e valores. Como fez o Apóstolo Paulo em Atenas, o Deus da vida deve ser sempre anunciado.⁴⁵

Finalmente, encerramos este artigo, com algumas conclusões:

1. Depois desse breve ensaio, estamos ainda mais convencidos de que a pastoral urbana não pode ignorar o auxílio reflexivo das ciências que ajudam o pastoralista a conhecer a realidade. A cidade é um desafio permanente não só para a Igreja, mas para todos os cientistas urbanos. Os novos conhecimentos sobre a cidade, gerados no campo acadêmico, devem ser de grande valia para o agente de pastoral que nem sempre tem a formação necessária para o exercício de sua missão. De fato, a pastoral urbana pressupõe, mais do que nunca um trabalho interdisciplinar. Se é verdadeiro que devemos ir ao encontro de uma realidade complexa, é de grande valia a contribuição das ciências.

2. Entendemos que tocar a paisagem da cidade permite perceber sua história, tecida pelo trabalho de milhares de pessoas em diferentes épocas, com diferentes materiais e técnicas, em diversos estilos. Diante da paisagem urbana, o observador é convidado a estabelecer com ela um diálogo. Na linguagem de Humberto Eco, um processo de fruição, que possibilita ao observador penetrar “no mistério da paisagem” e refazer seu caminho de produção. Este caminho leva o fruidor a entrar em contato com a história do trabalho de diversas gerações. A atitude do fruidor deve ser de máximo respeito e admiração. A paisagem pode ser entendida como a materialização dos sacrifícios, modos de vida, crenças, ideologias e contrastes sociais de uma ou de várias populações. Diante da paisagem urbana, a atitude do

⁴⁴ 1Pd 3,15.

⁴⁵ Atos 17,23 ss.

agente de pastoral deve ser de diálogo com a mesma, a fim de conhecer as raízes de seu povo. Isto inclui, entre outros, o conhecimento das migrações, da forma como se construíram as casas e prédios, e da distribuição dos espaços sagrados pelo território da cidade, o que pode revelar toda uma visão de espiritualidade. Em síntese, espera-se que o agente de pastoral seja um fruidor atento da paisagem, a fim de descobrir os valores do povo, nela materializados. Esta postura deve ser o primeiro passo para que o agente de pastoral possa, efetivamente, dialogar com sua freguesia.

3. Como vimos, a construção e reprodução dos espaços na metrópole não se resumem à reorganização de objetos materiais enquanto tais. Compõem um trabalho inspirado pela ideologia do capital, que acaba por excluir significativa parcela da população. Por isso, é tarefa do agente de pastoral estar presente no processo de reconstrução da cidade, dos seus espaços, privilegiando sempre o ser humano. A Igreja deveria estar atenta para uma construção da cidadania de acordo com o projeto de Jesus. Trata-se de pensar o urbano pela dimensão do humano.

4. Não podemos ignorar que o desenvolvimento dos meios de comunicação social possibilitou, entre outras coisas, estabelecer redes mundiais de contato e interação entre associações, organizações e instituições financeiras e religiosas. Pelo aspecto positivo, “estar em rede” significar participar, receber e trocar informações e experiências continuamente. Muitas vezes, a multiplicidade dos problemas urbanos encontra possibilidades de solução por meio de sugestões dessas redes mundiais. Cada vez mais, grupos e indivíduos percebem sua impotência diante da complexidade das questões humanas e sociais. Também nossas comunidades sofrem a tentação do isolamento. As paróquias são, com certa freqüência, verdadeiros feudos eclesiásticos, fechados em si mesmos. A Igreja, em sua sabedoria milenar, construiu o primeiro modelo de rede, no qual a diocese serve de centro aglutinador das paróquias e comunidades, um esquema que se repete entre elas e a Sede Romana. De alguma forma, a pastoral de conjunto poderia encontrar nas redes inspiração para uma evangelização orientada em âmbito nacional, internacional e mundial. A pastoral de conjunto é uma forma de nos tornarmos fortes para enfrentar as questões religiosas. A V Conferência do Episcopado Latino-Americano, ao lançar os objetivos da evangelização na América Latina, propõe também o conteúdo de uma pastoral de conjunto no Continente. Unidos de coração, todos nós, agentes de pastoral, apesar de nossas diferenças, pertencemos a uma mesma rede e, por isso, devemos

ser capazes de somar forças para realizarmos um trabalho de pastoral de conjunto, marcado pela criatividade, inteligência, respeito e compromisso de todos. A pastoral urbana só avançará se houver uma grande comunhão entre os operários do Senhor que trabalham na mesma cidade, com todos os seus problemas e esperanças. O próprio Cristo não entrou sozinho em Jerusalém, Jericó e Cafarnaum. Tanto nos momentos de glória quanto de sofrimento, não dispensou a presença e ajuda dos discípulos. Os serviços básicos que as comunidades podem prestar não esgotam a missão da Igreja nos centros urbanos. Acreditamos que deveriam criar mais organismos para além das realidades paroquiais, a fim de atingir a grande massa e entrar em todos os espaços da cidade. Para isso, consideramos importante ter as “pastorais diocesanas em rede”, com todo o apoio necessário para a formação de seus agentes numa metodologia e espiritualidade próprias, a fim de estarem presentes nos diferentes espaços da cidade.

Prof. Dr. Mons. Tarcísio Justino Loro

Doutor em Teologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção-SP, onde é professor e pesquisador. Doutor em Geografia Humana, pela USP e Mestre em Comunicação e Semiótica, pela PUC-SP. Exerce também as funções de Secretário Executivo do Secretariado de Pastoral da Arquidiocese de São Paulo.

BIBLIOGRAFIA

- CARLOS, Ana Fani A. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 2003
- JOSGRILBERG, F. B. *Cotidiano e invenção. Os espaços de Michel de Certeau*. São Paulo: Escrituras, 2005
- LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 1999
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996
- SANTOS, Milton. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988